

Título: A natureza das paisagens.

Autora: Dora Shellard Corrêa. Pós-Doutoranda IEB/USP. UEMG- Universidade do Estado de Minas Gerais.

E-mail: pdscor@uol.com.br

Resumo: Nesta comunicação iremos comparar descrições de paisagem do norte, noroeste e oeste do atual Estado do Paraná (Br) elaboradas nos séculos XVII, XVIII e XIX por clérigos, oficiais do exército português e por sertanistas e, através da sua contextualização e dos objetivos dessas narrativas, discutir evidências que indicam que a vista descrita continha muito mais do que somente as formas percebidas. Essa porção do estado Paraná, de inícios do século XVII até a primeira metade do século XIX, era uma fronteira no sentido político territorial e cultural. Foi território colonial, primeiro espanhol e depois português do século XVI, a inícios do XIX. Após 1822, reconhecido com território brasileiro. A região ocupada por grupos Jê e Guarani, foi localizadamente dominada pelos europeus a partir da segunda metade do século XVI com a fundação em 1554 de Ontiveros, próximo ao salto do Guairá no rio Paraná e dois anos depois Ciudad Real del Guairá no baixo rio Piqueri. Processo que se acentua de 1610 a 1628 com o estabelecimento das 13 reduções jesuíticas. A partir de 1627, passa a sofrer sucessivos ataques dos portugueses de São Paulo, particularmente as reduções, culminando com a saída dos jesuítas com 12000 índios e sua descida pelo rio Paraná além das Sete Quedas. Em 1632, Vila Rica foi atacada e seus moradores, assim como os de Ciudad Real del Guairá migraram para fora da região. Há a quase total ausência de relatos escritos, cartográficos e pictóricos oficiais sobre o período que se estende entre 1661 e as expedições organizadas a mando do governador da Capitania de São Paulo em 1768, o que denota a ausência de agentes do Estado colonial. Essas expedições além de terem perambulado, ampliando picadas e haverem descrito a região a partir dos rios Tibagi, Ivaí Paraná, Piqueri e Iguaçu, produziram uma interessante cartografia. Entretanto, não conseguiram muito mais do que fixar marcos de posse. É já no final da primeira metade do século XIX, que se observou o avanço contínuo sobre as terras indígenas. As viagens financiadas por um negociante e relatadas por seus sertanistas e os mapas elaborados por eles assinalando o avanço de fazendas e o aldeamento dos índios, indicam a dilatação do domínio do Estado e do capital. No século XX, há a expansão da cafeicultura, com os projetos de colonização, com as cidades e desenvolvimento das ferrovias. Objetivamos problematizar a ideia de que essas terras eram natureza virgem e quase desabitadas até a metade do século XIX e argumentar que essas descrições do visualizado, que nos servem como fontes, contém muito mais do que as concretudes efetivamente percebidas. Possuem ideias, subjetividades que entram na percepção e conformação dessas terras como vazias e naturais. Subjetividades que necessariamente não precisam estar diretamente ligadas à flora, fauna, relevo e aos acidentes geográficos ou à demografia das sociedades indígenas, mas, entram na significação do conjunto e na determinação do foco.